

## Tela vendada

Por meio de ONG, nova geração de diretores conquista espaço e dribla obstáculos para a produção livre no Irã

ALESSANDRA MELEIRO

ENVIADA ESPECIAL A TEERã

A produção cinematográfica nacional se transformou numa preocupação delicada para o governo do Irã. Mas, como as reformas no âmbito político se dão com extremo vagar, a solução encontrada por uma nova geração de diretores foi justamente deixar o governo um pouco de fora — e assim conseguir a autonomia necessária para expor seus temas.

Seus filmes se tornaram viáveis graças à criação da ONG Independentes do Irã, em 1995, maximizando o potencial individual de produção dos filmes. Essa organização se firmou como o mais vigoroso centro de produção de documentários com temáticas sociais e políticas do Irã (já que todos os outros órgãos oficiais de produção evitam tais temáticas).

“Os diretores situam-se de maneira diferente sobre a relação das forças sociais e políticas, mas a grande maioria dos independentes incorpora um cinema ideológico e preocupado com as recentes mudanças na sociedade”, diz Bahman Kiarostami, 25, filho do premiado Abbas Kiarostami.

A ONG é também o mais competente centro de distribuição internacional de filmes no Irã. Compete com a infra-estrutura da governamental Fundação Farabi Cinema, mas consegue melhores resultados na inserção das produções do país em festivais internacionais.

Apesar de defender publica-

mente a tese de que os jovens, na ausência de direitos de liberdade de expressão dentro da sociedade, podem se desiludir com o islã, a atual política do Irã — presidido pelo reformista Mohammad Khatami — em relação ao cinema tem

sido promover uma nova geração de diretores que esteja dedicada a projetar na tela uma imagem da sociedade islâmica desenhada pela Revolução Islâmica.

O principal objetivo da política de governo do Irã em relação ao

cinema não tem sido artístico ou econômico, mas o resultado de um projeto ideológico. No Irã os valores morais e a orientação política do diretor, produtor e equipe técnica importam mais para a aprovação (de produção ou exibi-

ção) no Ministério da Cultura do que um roteiro de qualidade.

Vários órgãos governamentais estão voltados para a produção de filmes e para a capacitação de jovens cineastas, como a Sociedade Iraniana de Cinema Jovem (que

promoveu em outubro o 8º Festival Internacional de Curtas (Teerã), do Centro para o Desenvolvimento Experimental e Amador de Filmes, que produz animações, curtas e documentários.

Mas assim como mensagens líricas fazem parte do cinema “oficial” da nova geração, pe de reformas e de mudanças baseadas em um forte movimento político que existe hoje no Irã aparecem nos filmes de jovens cineastas independentes.

Bahman Kiarostami é um cineasta que procura “caminhos alternativos” para obter financiamento e mecanismos de produção no Irã, em busca de maior autonomia nos projetos.

Depois de trabalhar com o cinema em vários filmes, atuou recentemente como editor em “Dancing in the Dust” (2002) e dirigiu documentários sobre o cunho social, como o que retrata a vida de ciganos animistas (Luz da Noite) e se converteram após a Revolução Islâmica.

Neste momento, Bahman, o apoio de produção da Indústria do Irã, está na frente com o Irã que entrevistando cineastas que peregrinam no exterior. Pretendendo garantir a mesquita de Iman He (ou Iman Ali) na cidade de Karaj, um dos mais sagrados locais do Irã, essas pessoas arriscam suas vidas no deserto, entre posições minadas e soldados dos

→ LEIA MAIS à pág. E2



Clapete de “Beautiful City”, longa do cineasta iraniano Aghar Farhadi, um dos membros da ONG Independentes do Irã

## TELA VENDADA Pouca infraestrutura e conservadorismo do canal estatal são entraves para produções independentes no Irã

### Falta de equipamentos e TV restringem alternativas

ENVIADA ESPECIAL A TEERã

Outro dos independentes em ação no Irã é Aghar Farhadi, que está agora em fase de produção de seu segundo filme, “Beautiful City”. O longa aborda uma das mais difíceis questões na transformação contemporânea da sociedade islâmica: o papel da mulher.

A atriz Taraneh Alidoosti (do premiado “Im Taraneh, 15”, de Rasul Sadr-Ameli) vive o papel de uma divorciada, tema recorrente no primeiro longa-metragem de Farhadi, o premiado “Dancing in the Dust”.

Utilizando equipamentos antigos, pertencentes à governamental Fundação Farabi Cinema (única a locar câmeras 35 mm no país), a produção teve que reservar meses antes da filmagem, já que no Irã só existem equipamentos disponíveis para a realização de dez filmes simultaneamente.

Produção em Teerã, na cidade

de trabalho nos três dias em que a reportagem da Folha esteve no set não foram das mais confortáveis: 24 pessoas em um microônibus, entre equipe técnica, figurantes e atores. O diretor diz não estar preocupado se obterá ou não a permissão de exibição após as filmagens: “Conhecemos as leis islâmicas não escritas e sabemos por onde temos que transitar e o que temos que evitar”.

Em meio ao Ramadã (mês sagrado islâmico), uma van da companhia de produção Neshene Lida, com os vidros cobertos de jornal, oferece almoço para a equipe. Jejuar? Apenas o produtor e o diretor. Recitavam trechos do Alcorão enquanto seguravam o atobsi (espécie de terço do islã).

**Obstáculos**  
 Para produzir um filme no Irã é necessário submeter o roteiro para o Ministério da Cultura, especificamente para a Secretaria Geral

emite todas as permissões de produção e de exibição. Se o filme obtém a permissão de produção significa que ele está qualificado para obter certos privilégios na Fundação Farabi Cinema, como, por exemplo, menores taxas na locação de equipamentos técnicos.

São apresentados por ano uma média de 600 roteiros para obtenção de financiamento na FFC. Desses, cerca de 200 conseguem permissão de produção e apenas 80 deles obtêm financiamento. Os produtores que têm a permissão de produção recebem documentos com a quantidade especificada para o filme, que varia de acordo com o projeto.

Se o Ministério da Cultura considerar o projeto adequado, isto é, seguidor da orientação islâmica, poderá ser dada uma quantidade máxima de 600 milhões de rials (cerca de R\$ 212 mil), a fundo perdido. Caso contrário, obterá o máximo de 300 milhões de rials

ou nenhum financiamento.

Produz-se no Irã uma média de 70 longos por ano, o que é um bom número se comparado com outros países. 80% dos filmes são comerciais e 20%, “filmes de arte”. Apenas 10% da produção iraniana viaja pelo mundo, especialmente no circuito de festivais.

Um dos problemas da indústria cinematográfica hoje no Irã é o pequeno número de salas de exibição. A população de 68 milhões de habitantes dispõe apenas de 300 salas e nenhum sistema de cotas. Nos últimos 25 anos nenhuma sala foi construída.

Além dessas dificuldades, há a questão referente à televisão. Alinhada com os conservadores, a TV iraniana (IRIB) não aceita as políticas reformistas do Ministério da Cultura, e raramente são feitos acordos de compra de filmes iranianos, principalmente dos independentes, já que muitos envolvem questões sociais.

